

A ESPECIFICIDADE FEMININA E O MUNDO EXTRA DOMÉSTICO

Janini Pereira de Moraes¹

RESUMO

Tendo em vista que a emancipação da mulher nos últimos dois séculos teve forte influência do feminismo este trabalho visa ser uma aproximação desta emancipação do ponto de vista específico do ser feminino pautado nos autores cristãos, que a luz da fé propõe uma postura da mulher diante desta realidade extra doméstica que vai de encontro à sua verdadeira vocação. Desta forma, busca-se contribuir para que as mulheres assumam seu papel no mundo civil e na Igreja sem perder sua verdadeira essência feminina. Assim sendo, o presente artigo irá discorrer sobre a feminilidade e seus pilares mostrando qual a postura da mulher cristã nas relações extra domésticas no mundo de hoje, através de um levantamento bibliográfico.

Palavras-chaves: essência, feminino, vocação.

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas vê-se, como, sobretudo levado pelo chamado “empoderamento e pela emancipação feminina” que se iniciou na Revolução Industrial, o papel da mulher na família e também na Igreja e na sociedade, tem sido questionado ou manipulado por ideologias contrárias à natureza do ser humano, causando confusão sobre seu posicionamento e distorção quanto ao que é próprio do ser feminino. Deste modo, tendo em consideração a natureza humana e sua realização, urge a reflexão sobre a especificidade feminina e a postura própria da mulher no mundo extra doméstico.

Este artigo busca fazer uma reflexão séria e objetiva sobre quem é a mulher, sua especificidade e seu lugar fora do lar, dado, que na realidade da esmagadora maioria, hoje há necessidade de conjugar família e trabalho, inserção social e serviço pastoral eclesial. Assim, pautado nos autores cristãos, que a luz da fé propõe uma postura da mulher diante desta realidade extra doméstica indo de encontro à sua verdadeira vocação, quer se contribuir para que as mulheres assumam seu papel no mundo civil e na Igreja sem perder sua

¹ Graduanda em Teologia na Faculdade Católica de Anápolis - GO

verdadeira essência feminina.

Não querem as linhas seguintes serem respostas, ou soluções, ou uma análise exaustiva, mas, à luz da fé, do Magistério e de alguns pensadores como Edith Stein, São João Paulo II e Jutta Burggraf dentre outros, evidenciar os pontos principais para uma compreensão sensata e equilibrada do lugar da mulher tendo em vista também que na história recente a Igreja Católica tem sido acusada falsamente como responsável da mulher não ter tido anteriormente um lugar de destaque e igualdade em relação ao homem.

Portanto, este estudo levará à que mulheres e homens vivam corretamente nos diversos âmbitos a relação interpessoal marcada pela consciência daquilo que lhes é comum e daquilo que lhes é próprio.

HOMEM E MULHER OS CRIOU

Ao se propor o tema, é interessante distinguir se há uma natureza inerente ao ser humano que compartilha pontos comuns entre os sexos e também se pode haver algo específico que sobressai ou que é próprio a um mais que ao outro.

Portanto, a reflexão terá como ponto de partida proposto, para chegar-se à distinção do lugar e da postura da mulher diante do mundo extra doméstico, a clara definição e observação da natureza da criação humana, sua igualdade e suas particularidades, o chamado gênio feminino e gênio masculino. Na continuidade, se sinalizará o sentido da sexualidade humana e seu desdobramento.

Assim, a partir das luzes e bases já colocadas, o artigo busca compreender a posição equilibrada e verdadeira sobre a relação e o lugar da mulher na vida da Igreja, no mundo laboral e no âmbito social.

1 - Natureza, dignidade e igualdade do ser humano

Todo ser humano, homem e mulher foi criado à imagem e semelhança de Deus. E essa é a razão porque o ser humano é diferente dos demais animais. Diferencia-nos deles a liberdade, que é abertura a verdade, ao conhecimento e

ao amor, porque somos imagem e semelhança daquele que nos criou.

E é a razão e fundamento também da igualdade de dignidade entre o homem e mulher, como nos recorda a Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, no seu primeiro capítulo. Ambos são criados por Deus, e são igualmente Sua imagem e semelhança. Por tanto o homem não é mais e nem menos que a mulher ou ao contrário, mas cada um com sua maneira de ser é igual diante de Deus em dignidade, ou seja, da mesma natureza humana porque é imagem e semelhança do Criador.

A igual dignidade entre homem e mulher surge do fato mesmo da criação e se estabelece na força do Criador, que a ambos os fez imagem e semelhança, porém, segundo recorda Paulo VI (1971, n. 13) que “não falamos, obviamente, daquela falsa igualdade que negasse as distinções estabelecidas pelo mesmo Criador e que estivesse em contradição com o papel específico, e quantas vezes capital, da mulher no coração do lar e, também na sociedade”.

Desta forma a igualdade é a condição prévia para a justiça, ao mesmo tempo aceita-se que os sexos se distinguem não só fisicamente, mas tendo em vista que o físico é expressão e tem ligação inseparável com o ser, suas distinções tratam do que lhes é próprio por si mesmo, não sendo de forma alguma discriminatório ou algo que coloca a mulher como inferior, mas que a exalta em sua especificidade feminina.

Sob esta ótica deve-se ler a narrativa encontrada nos três primeiros capítulos do livro de Gênesis, pois a Sagrada Escritura é “guia para a reta interpretação do material que nos oferece a própria vida” (Stein, 2002, p.134).

Deus criou o ser humano como homem e mulher, assim se Ele distinguiu a natureza humana em seu modo específico, pode-se dizer que a sexualidade é o modo específico de existir da humanidade. E significa, por conseguinte, que a cada um dá talentos ou missões específicas e próprias. Portanto, se percebe que o homem e a mulher são complementares e não substitutivos, dado que cada um exerce seu próprio papel imanente das características que lhe são próprias por natureza, ainda que tenham igual dignidade.

Homem e mulher os criou é uma informação básica, porém, constitucional, sobre o ser humano. Percebe-se ser a masculinidade e a

feminilidade mais que um acessório, não são como uma roupa que se escolhe, coloca e põe conforme a própria vontade, mas seguem um princípio de ser que rege a natureza.

A sexualidade humana é, assim, algo constitutivo, essencial, central, do ser humano. E ao ler na Sagrada Escritura homem e mulher os criou, denota que a maneira, ou o modo, de desdobrar-se como pessoa só pode ser verdadeiramente assim, sendo assim, observar a sexualidade nesta ótica até aqui demonstrada não é prescindível, e sim fundamental para uma verdadeira compreensão de si e do lugar e papel de cada um na sociedade.

João Paulo II (1988) rememora que a base da antropologia cristã se dá a partir da reflexão bíblica de que o ser humano foi criado a imagem e semelhança (Gn 1, 21), e é a razão da reciprocidade entre homem e mulher e demonstra ainda, como essa realidade é permanente e imutável na pessoa humana.

A distinção anatômica da sexualidade humana, assim também alcança, e caracteriza todos os dinamismos, ou dimensões da pessoa, o psicológico, o social, o comportamental pois, a sexualidade não se refere só ao corpo, é como se entreviu anteriormente, uma parte integrante do ser humano. Por isso, a diferença sexual, ser homem ou mulher, não é um capricho humano, sim um dom divino.

O corpo é a pessoa na sua visibilidade, na sua exterioridade. Porém, corpo e alma formam a pessoa. Detrás de cada corpo há uma pessoa. Um amigo, uma amiga, uma mãe, um pai, uma namorada, um companheiro, e seria rebaixar o outro se ficasse só no âmbito corporal. Ao se comunicar não se comunica com um corpo, sim com uma pessoa.

Uma vez percebido que Deus cria o homem e a mulher à sua imagem e semelhança e assim ambos têm a mesma natureza, liberdade e dignidade, e que essa semelhança deve ser irradiada em suas vidas, o que conclui – se e é importante destacar, é que a dignidade e a igualdade comum a ambos os sexos não denotam que sua natureza se expresse de maneira igualitária nivelando por baixo a peculiaridade correspondente a cada um. E sim, compreende-se o contrário, que a natureza humana igual em sua dignidade se expressa em cada

um dos sexos de modo próprio e por tanto diferente, assim a sexualidade não é um acessório desenvolvido ou escolhido posteriormente, mas é a expressão própria da natureza humana desde a criação, e não exclui ou diminui ao outro, e sim se complementam em suas qualidades espirituais, físicas e psicológicas próprias de cada um.

Desta forma a sexualidade é o modo distinto e complementar da realização da natureza humana. É possível intuir, portanto, que uma sociedade longe de Deus é uma sociedade afastada de si mesma e incapaz de compreender com profundidade a essência da humanidade.

2 - A especificidade dos sexos

Para esta identidade ou modo próprio da realização do ser de cada sexo, João Paulo II na sua Carta às mulheres (1995, n. 9 a 12) utiliza o termo gênio masculino e gênio feminino e assegura ainda “eu creio no gênio das mulheres... Inclusive nos períodos mais escuros se encontra o seu gênio que é a levedura do progresso humano e da história” (João Paulo II apud BURGGRAF, 1999, p. 149).

Percebe-se então, que ao falar de gênio da mulher o santo refere-se às suas capacidades próprias ou mais desenvolvidas em relação ao gênio masculino.

Compreendida esta realidade não se pode permitir que nas relações interpessoais e na maneira que a mulher se apresenta, viver suas capacidades próprias sejam entendidas como um distanciamento ou desigualdade em relação ao homem pois, como nos recorda Burggraf (p.626) “se se masculiniza a mulher, então se confunde o significado que ela deveria mostrar”, podendo afirmar o mesmo em relação ao homem hoje feminizado pelas modas e correntes de pensamento moderno, por isso que “o verdadeiro problema de nosso tempo não está na busca da emancipação ou orientação sexual, mas na busca da identidade” (Burggraf, 2001, p.51).

Por isso, atualmente fala-se mais em identificação ou orientação sexual no lugar da identidade, pois ambos os vocabulários querem supor um “direito” à escolha e deste modo, a sexualidade não seria algo intrínseco à humanidade, e

sim fruto de uma opção, portanto é imperativo voltar-se sobre a identidade do homem e da mulher que criados à imagem e semelhança de Deus são semelhanças de perfeições diferentes.

Porém, não é uma solução viável e que respeite a natureza da criação igualar-se em todos os aspectos sem considerar a essência e o gênio de cada um como nos recordara anteriormente João Paulo II.

A especificidade entre homem e mulher não se dá somente no âmbito, corporal, mas no todo de sua existência, com todos os níveis que ela abarca: corporal-biológico, psíquico, intelectual, antropológico e isso não é só uma diferenciação nas atividades externas, e sim, um desdobrar do seu próprio ser, dado que, segundo Stein (1999, p.228):

Não só o corpo está estruturado de forma distinta, não são somente algumas funções fisiológicas distintas, mas toda a vida é distinta, a relação corpo e alma é distinta, e dentro do anímico, a relação espírito e sensibilidade, assim como a relação das forças espirituais entre si.

Por tanto, para Sanguineti (2004, pp.32-33) isso comporta uma atitude frente ao mundo e o modo de diálogo com ele, próprio de cada gênero.

Então, a feminilidade é expressada de maneira especial na capacidade que a mulher tem de sair si mesma, em sua particular sensibilidade e percepção para o bem moral, em sua tendência natural à entrega total, na disposição natural e intrínseca à maternidade, na abertura ao acolhimento e ao outro e também ao mundo exterior. Assim, a mulher não fica estrita só ao ambiente familiar, ainda que ali seja sua vocação primeira, contudo, ao mesmo tempo está diretamente ligada ao mundo extra doméstico e tem seu lugar próprio ou maneira singular de se posicionar nele (Sanguineti, 2004).

3 - A mulher e o mundo extra doméstico

Pode-se perguntar se existe uma postura própria feminina no mundo extra doméstico, ou uma vocação profissional propriamente feminina espelhada e baseada em seu interior, nos seus dons e talentos provenientes de sua natureza, como um reflexo ou desdobramento de seu ser.

Há de se recordar que a mulher tem uma vocação à maternidade expressada no seu corpo preparado para receber a vida e assim, é lícito dizer que essa é a vocação humana geral: a família.

Observando a emancipação feminina e seus desdobramentos, vê – se que buscou direitos iguais, porém, foi tolhendo nessa busca o que é propriamente feminino e transformando-a numa igualação com o homem sem respeitar aquilo que lhe é singular, ocasionando, assim, a ambos e de maneira especial à mulher uma degeneração de sua especificidade, deixando de lado suas capacidades singulares e naturais, desvirtuando sua feminilidade e não encarando a vida fora do lar de maneira equilibrada. Tudo isso gerou grande desconhecimento e desinteresse em relação as capacidades e disposições que marcam a feminilidade como diferença específica dentro da natureza humana.

3.1 Definição do termo extra doméstico

Uma vez que se refletiu na antropologia e percebeu-se que homem e mulher são iguais em natureza e dignidade e diferentes no gênero e que cada um tem características que lhe são próprias ou expressam melhor suas particularidades, é importante consequentemente, lançar um olhar para o ser feminino e sua relação e papel no mundo extra doméstico.

Para tanto, se faz imprescindível, definir brevemente o que significa extra doméstico e quais são suas consequências na presente reflexão.

Conforme o Dicionário online de Português a palavra extra vem do latim e significa “além do esperado, do determinado, do estabelecido: horas extras. Diz-se do que se faz de modo suplementar e adicional: tarefa extra.” Tendo como sinônimo extraordinário e como antônimo previsto, comum, ordinário.

A mulher, por tanto quando se relaciona e interage com outros âmbitos além do doméstico, deve entender que apesar de ser frequente na maioria das situações, por exemplo, o fato de grande parte trabalhar fora de casa, não é o comum, o ordinário, mas algo que deve se encarar como atividade complementar e necessária na grande maioria dos casos.

Já o mesmo Dicionário nos traz a definição de doméstico como “relativo à casa ou à família; familiar” seu antônimo é estranho, estrangeiro.

Percebe-se então, que ao dialogar e mover-se em outros âmbitos, estes são estrangeiros, ou seja, não são pertencentes à natureza elementar feminina, por isso é muito importante basear toda a reflexão no discurso antropológico-teológico para depois discorrer sobre âmbitos particulares.

3.2 Relação e papel da mulher na sociedade e no trabalho

Na conjuntura hodierna não há de se ignorar, na grande maioria das vezes, a presença da mulher fora do lar, conjugando vida doméstica, social, laboral e eclesial, de fato escreve Stein (1999, p.31) "que as mulheres estejam dispostas a exercer outras vocações profissionais distintas às de esposa e mãe é algo que só ignora a cegueira ignorante".

O trabalho ou a vida fora do lar deve ser, por tanto, um espaço onde o ser humano possa desenvolver as suas capacidades próprias proporcionando o seu crescimento integral na sua especificidade, ou seja, guardando as diferenças próprias naturais entre o homem e a mulher que devem reger seu agir.

Desta forma, a mulher terá maior desenvolvimento pessoal e identificação geral, segundo Stein (1999, pp.27-28), com as profissões ou lugares que têm como base a assistência, a interação social, a educação, o ensino, o amparo, a compreensão, sua capacidade para o outro, dentre outras características. Ao observar essa consideração e o caminho feito até aqui percebe-se que não é uma diminuição da mulher ou papéis impostos por fora ou falta de capacidade para outras tarefas, mas sim, uma questão de conhecimento daquilo que lhe é competente, poderia – se dizer, uma questão de encaixe e melhor realização do seu próprio ser.

Sendo assim, na Rerum Novarum (1891, n. 31) lê-se o seguinte:

Há determinados trabalhos que não estão conformes com a condição da mulher, mais inclinada aos trabalhos de casa, que se coadunam melhor e mais eficazmente com o decoro próprio da mulher e correspondem mais naturalmente as exigências, à boa educação dos filhos e a prosperidade da família.

Sem considerar essas exigências, acaba-se desunindo a ligação natural da mulher com o ser mãe e a vocação à família, de fato, Pio XII (1937, n. 11) rememora que:

Para o comunismo não existe alguma ligação da mulher com a família e com a casa. Proclamando o princípio da emancipação da mulher, retira-a da vida doméstica e do cuidado com os filhos, para a levar à vida pública e a produção coletiva na mesma medida que o homem, devolvendo à coletividade a educação e os cuidados da família e da prole.

Compreende-se que seria então, um sério abuso querer que a todo o custo, a mulher se desenvolva na vida pública em prol de um esquecimento do desenvolvimento familiar, de modo especial, na mesma linha de pensamento João XIII na Encíclica *Pacem in Terris* (1963, nn. 19 e 41) corrobora e recorda que urge no panorama atual que cada vez mais se tenha consciência da dignidade da mulher, a qual não pode ser tratada como instrumento, mas como pessoa no âmbito da vida pública, e também familiar.

De fato, a presença da mulher na vida pública regida por suas características próprias é um verdadeiro serviço à sociedade. E por isso o seu lugar na família e no mundo extra doméstico deve ser visto numa perspectiva de conciliação entre diversas exigências e potencialidades da mulher.

É impossível ignorar, conforme o documento do Concílio Vaticano II *Apostolicam Actuositatem* (1965, n.10) ao ressaltar o valor e a atualidade do apostolado laical na vida da Igreja em sua diversidade que, cada vez mais as mulheres são membras ativas em toda a vida social e também na Igreja. E assumir esse processo é buscar que a mulher seja valorizada e tratada em igual dignidade e responsabilidade em relação ao homem, porém, segundo pontua Paulo VI (1971, n.13), “não falamos, obviamente, daquela falsa igualdade que negasse as distinções estabelecidas pelo mesmo Criador e que estivesse em contradição com o papel específico, e quantas vezes capital, da mulher no coração do lar e, também, na sociedade”.

Deste modo, entende-se que a igualdade não significa paridade de funções, e nisso reside a desvantagem que a saída do ambiente familiar trouxe na perspectiva moderna, pois ao querer a emancipação feminina em relação ao homem chegou-se a emancipação em relação a si mesma, ao seu próprio ser.

Por isso, João Paulo II na Carta às Mulheres (1995, n. 2) assevera que a mulher:

Empenhada em todos os âmbitos da vida social, econômica, cultural, artística e política contribui para uma cultura capaz de conjugar razão e sentimento, para uma concepção da vida sempre aberta ao sentido do mistério, a edificação de estruturas econômicas e políticas mais ricas da humanidade.

O Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes*, (n. 60) reconhece as profissões femininas como necessárias e como ferramentas para a inclusão social e a participação da mulher na esfera política, defende a sua presença em todos os setores, mas, recorda que convém que possam desenvolver plenamente os seus deveres segundo a sua própria índole. Por tanto, é dever de todos fazer com que a própria participação seja reconhecida e promovida, contudo que a participação se dê onde possa desenvolver a própria dignidade, segundo as suas condições de mulher.

Essa é a realidade social a qual a Igreja não pode ficar apática, embora deva assinalar, também os efeitos negativos que tudo isto comportam para a mulher e a família.

No entanto, não é proveitoso pensar que o trabalho extra doméstico seja o único caminho de emancipação da mulher ou de realização como, nos sugerem os movimentos culturais atuais, porque em todas as profissões de alguma forma a mulher exerce a maternidade e coloca à serviço da sociedade seus dons específicos.

3.3 Relação e papel da mulher na vida da Igreja

Remetendo-se ao termo usado por João Paulo II e tendo como base toda reflexão até aqui apontada, existe na humanidade ferida pelo pecado uma desordem que provocou um desequilíbrio entre a complementariedade existente desde a criação e a partir daí para Stein (1999, p.140):

A degeneração específica do homem é a de tender a um domínio brutal sobre todas as criaturas, e especialmente sobre a mulher, e a fazer-se escravo pelo trabalho, até a atrofia humana. A degeneração da mulher é a vinculação escrava ao homem e o afundar do espírito na vida corpóreo-sensual.

Percebe-se, assim que a Igreja tem consciência da dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem e, portanto, não deve ser

instrumentalizada em nenhuma esfera de sua vida. (João XXIII, 1963).

O então cardeal Ratzinger coloca o papel da mulher e sua importância na Igreja relacionado diretamente à Virgem Maria. Sendo assim, ele sinaliza que acolhimento e escuta atenta da palavra, intimidade com Cristo, fidelidade ao compromisso, espera confiante, entrega amorosa, fortaleza diante da dor, são algumas das características as quais mulheres de todos tempos são chamadas a viver na Igreja, inspiradas e espelhando - se na Virgem Maria. Nossa Senhora, é desta forma o protótipo, ou seja, o primeiro arquétipo que a mulher pode admirar para descobrir seu lugar e a sua missão na Igreja.

Sem a presença feminina inspirada em Nossa Senhora “o Cristianismo ameaça desumanizar-se inadvertidamente. A Igreja torna-se funcionalística, sem alma, um fábrica febril incapaz de deter-se, perdida em projetos ruidosos” Joseph RATZINGER; Hans Urs Von BALTHASAR, 1985), por isso, “resgatar a marianidade talvez seja o grande desafio da Igreja do Terceiro Milênio” (ibid).

Os próprios esboços ou prefigurações eclesiais desde o Antigo Testamento são femininos como vê – se nos termos noiva, esposa. E toda essa colocação é importante pois, surgem aqueles que acusam de que o fato da mulher não poder ser ordenada, seja sinônimo de que ela é considerada inferior.

Mas, não é assim. A Igreja baseada na antropologia bíblica, onde entende que ambos os sexos têm a mesma dignidade, porém são diferentes e complementares e seguindo os passos de Jesus, não afirma, nem de modo indireto que a mulher seja menos importante do que o homem, afinal o papel dos apóstolos não exclui o papel de Maria que inclusive, é anterior aos dos apóstolos, como também o homem não é inferior a mulher, porque não pode ficar grávido, em qualquer caso os papéis de ambos se difere e se completam mutuamente.

A ligação da mulher e seu papel na Igreja à Virgem Maria faz com que em todos os âmbitos, sobretudo no eclesial, não se busquem respostas rasas, destrutivas e igualitárias onde a participação feminina consiste em que ela faça tudo o que o homem faz, sem distinção. E sim, que participando ativamente, se envolva nas atividades pastorais, missionárias, e na reflexão teológica,

entendendo que tem muito a oferecer com seu modo próprio de ser, assim, na Igreja não deve haver concorrência entre os sexos, obviamente também não pode ter discriminação, mas há exercício de funções diferentes segundo o ser de cada um em concordância com o que ensina o Magistério. Não se excluindo, mas se complementando.

São inúmeros os exemplos de mulheres que marcaram a vida da Igreja como Santa Helena, Santa Mônica, Santa Teresa de Jesus, Santa Teresa dos Andes, Santa Teresinha do Menino Jesus, Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), Santa Madre Teresa de Calcutá, Santa Catarina de Sena, Santa Clara, Santa Gianna Bereta Mola, Beata Chiara Luce, Santa Dulce dos Pobres, Chiara Lubich, Jutta Burggraf, e tantas outras anônimas que nestes mais de 2000 anos de história foram baluarte de fé na Igreja.

Paciência, oblação, acolhimento, singeleza, peleja, perseverança, entrega, dedicação, firmeza, força, coragem, são algumas das expressões que as mulheres da Igreja Católica nos ensinaram e continuam instruindo com a própria vida. Mulheres que desempenhando seu papel não são frágeis, mas, tudo ao contrário são reflexos da Virgem Maria, a mulher forte do sim da anunciação à vitória no Apocalipse.

Na igreja, corpo místico de Cristo, portanto, homens e mulheres formam uma unidade, onde não existem membros melhores, mas sim, com distintas funções. Assim, as mulheres são chamadas a ajudar a edificar a Igreja desde suas propriedades e particularidades.

Ratzinger (2004, p.16) afirma que “as mulheres desempenham um papel de máxima importância na vida eclesial, lembrando essas disposições a todos os batizados e contribuindo de maneira ímpar para manifestar o verdadeiro rosto da Igreja, esposa de Cristo e mãe dos crentes”.

CONCLUSÃO

Ao discorrer por essas linhas percebe-se que a realização da existência feminina não deve incidir apenas em uma imitação ou cópia do masculino ou ainda numa incursão exaustiva e quase que obrigatória na vida extra doméstica.

Em qualquer das duas situações, seria distorcer a natureza humana em vez de desdobrá-la e realizá-la.

Deste modo, conclui-se que não se pode ignorar o papel específico da mulher com suas características próprias que carregam em si também sua missão, pois distorce a ordem da criação e a própria natureza.

Em meio a evolução da sociedade, e a inserção ativa da mulher em todos os âmbitos se faz necessário reafirmar que a família é seu local natural e a partir dela são desenvolvidos os demais papéis e os mesmos não devem impedir que exerça o primeiro.

Neste aspecto proteger e desenvolver a mulher significa em primeiro lugar reconhecer em profundidade sua natureza e essência, entendendo e pondo em prática o adágio latino: “O agir segue o ser”.

ABSTRACT

Considering that the emancipation of women in the last two centuries was strongly influenced by feminism, this work aims to be an approximation of this emancipation from the specific point of view of the female being guided by Christian authors, who, in the light of faith, propose a position of women towards this extra domestic reality that meets your true calling. In this way, it seeks to contribute so that women assume their role in the civil world and in the Church without losing their true feminine essence. Thus, this article will discuss femininity and its pillars showing the position of Christian women in extra-domestic relationships in the world today, through a bibliographical survey.

KeyWords: essence, feminine, vocation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Manuel, A mulher na sociedade e na Igreja, Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1987.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.

BURGGRAF, Jutta. A liberdade vivida com a força da fé. São Paulo: Diel, 2012.

_____. Dignidad y función de la mujer en la Iglesia y en la sociedad. Em: La misión del laico en la Iglesia y en el mundo: VIII Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra / edición dirigida por Augusto Sarmiento...

[et al.], Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 1987, pp. 615-627.

_____. Hacia un nuevo feminismo para el siglo XXI. San José de C.R: Ed. Promesa, 2001.

_____. Juan Pablo II y la vocación de la mujer. Em: Scripta Theologica, XXXI, 1, Publicaciones Facultad de Teología, Universidad de Navarra, enero-abril 1999.

_____. La trasmisión de la fe em la sociedade post moderna y otros escritos. Pamplona: Eunsa, 2015.

_____. Perspectiva de gênero: seu perigo e alcance. Disponível em: <http://ife.org.br/perspectiva-de-genero-seu-perigo-e-alcance-por-jutta-burggraf/>. Acesso em: 03 de março de 2020.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis, São Paulo: Vozes/Paulus/Loyola/Ave Maria, 1998.

CONCÍLIO VATICANO II. Apostolicam Actuositatem. Decreto do Concílio Vaticano II sobre o apostolado dos leigos. São Paulo: Paulinas, 1965.

_____. Gaudium et Spes. Constiuição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 1966.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/extra/>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/domestico/>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta apostólica Mulieris dignitatem (Sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano). São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. Carta às mulheres. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. Exortação apostólica Familiaris consortio (Sobre a missão da Família Cristã no mundo de hoje). São Paulo: Loyola, 1982.

JOÃO XXIII, Papa. Carta Encíclica Mater et Magistra (Sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã). São Paulo: Paulinas, 1961.

_____. Carta Encíclica Pacem in Terris (Sobre a paz de todos os povos). São Paulo: Paulinas, 1963.

Joseph RATZINGER; Hans Urs Von BALTHASAR. Maria, Primeira Igreja. Coimbra, 1985.

LEÃO XIII, Papa. Carta Encíclica Rerum Novarum (Sobre a condição dos operários). São Paulo: Loyola, 1891.

PAULO VI, Papa. Carta Apostólica Octogesima Adveniens (Por ocasião do 80º aniversário da Rerum Novarum). São Paulo: Loyola, 1971.

PINTO, Maria José Nogueira. A mulher no mundo e na Igreja. Disponível em: <https://opusdei.org/pt-pt/article/a-mulher-no-mundo-e-na-igreja/> Acesso em: 03 de março de 2020.

PIO XII, Papa. Carta Encíclica Divini Redemptoris (Sobre o comunismo ateu). São Paulo: Paulinas, 1937.

RATZINGER, Joseph. Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração

do homem e da mulher na Igreja e no Mundo. Roma, 2004.

SANGUINETI, Ana María. Varón y mujer: hacia la confluencia de dos mundos. *Claves antropológicas para la conciliación vida familiar-trabajo extradoméstico, desde el pensamiento de Edith Stein*. San José: Ed. Promesa, 2004.

STEIN, Edith. A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça. São Paulo: Edusc, 1999.

_____. Escritos autobiográficos y cartas. Em: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas vol. I*. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.